

REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS, vol. III, nº 14, JUL/SET 1980
Univ. Gama Filho, RJ.

Índios arredios na Amazônia



Rudolf Moser*

Acontecem ainda, na Amazônia, combates entre grupos indígenas, relatou "O Globo", jornal do Rio, em 25 de junho de 1978, sobre cinco índios Zoró — uma tribo com cerca de 350 participantes, do tronco lingüístico Tupi, que habita o Noroeste do Mato Grosso e que só em 1977 teve o primeiro contato com os brancos. Os cinco Zoró caíram numa emboscada dos Suruí, os seus inimigos hereditários, e três deles morreram. Os dois feridos, um adulto e uma criança, foram levados ao Posto da FUNAI Sete de Setembro pelo sertanista José do Carmo Santana, sendo eles alí medicados; as balas de chumbo tiradas dos seus corpos provaram que os Suruí possuíam armas de fogo.

Além disso, não é novidade que haja guerrilha, na selva, entre índios, seringueiros, garimpeiros e madeiros.

As ameaças das doenças e da construção de estradas

Eram muito bélicas as tribos dos Cinta larga e dos Kreen-Akarore; a sua pacificação (seja feita vênua a esse verbo onimoso) realizou-se somente há poucos anos. Epidemias mataram, em seguida, a maior parte desses índios. Os restantes Kreen-Akarore vivem hoje no Parque Xingu. Como eles resistiram durante décadas os Waimiri Atroari contra a civilização; conseguiram até há pouco, parar a construção da estrada de rodagem da Venezuela, via Roraima a Manaus. Ainda em 1974, eles mataram a pancadas membros de uma expedição oficial que os tinha contactado.

Os Wawanaviteri, morando próximo à divisa com a Venezuela e perto da montanha mais alta do Brasil, i.é. do Pico da Neblina (3.014 m), essa missão, porém, se retirou. Dos originariamente 500 índios só uns 150 sobrevivem, em péssimas condições. Relata-se que muitos deles, caso não tenham morrido ainda, sofrem de malária. É este um subgrupo do povo Yanoama radicado em Roraima, Venezuela e Guyana que abrange no Brasil 6.000 a 8.000 pessoas.

Vão ser vacinados agora, e foi projetada, recentemente, a instalação de um grande parque protetor indígena (Projeto Yanoama).

Os Yanoama estão ameaçados pela Perimetral Norte, estrada de rodagem que percorre o longo da fronteira setentrional do Brasil; está pronta por parte somente. Como na construção da Transamazônica (que se estende mais ao Sul), um grande número de grupos indígenas foi encontrado e deslocado (para não dizer expulso), muito mais do que era necessário — e isto sem considerar o fato de que a colonização ao longo da Transamazônica praticamente malogrou e que a estrada mesma só seja transitável parcialmente. Procurar o contato com silvícolas até então isolados significa, para o indianista, o mesmo que processar para o advogado ou construir para o arquiteto ou engenheiro, isto é, realização de si-mesmo. Faustianamente, ele é levado a fazê-lo, e ele o faz sem considerar o resultado final da sua ação — o qual consiste, no caso do indianista, quase sempre, na destruição da coerência tribal, senão na dos próprios indivíduos por causa de doenças infecciosas.

Continua a procura por silvícolas

Não obstante essas conseqüências, e mesmo após o término dos principais trechos das estradas trans-silvestres, a procura por tribos isoladas continua; quase todo mês um "êxito" é anunciado. Citamos os seguintes exemplos, mudando assim, na extensa geografia da Amazônia brasileira, do extremo Norte para o extremo Oeste, i.é. à tríplice esquina fronteiriça Brasil-Colômbia-Peru. Ao lado esquerdo (colombiano) do Solimões (curso superior do Amazonas) é situada Letícia, ao Sul deste povoado, na margem fluvial direita, a cidade brasileira de Benjamin Constant. Alí o Rio Javari, divisa entre o Brasil e o Peru, desemboca no Solimões à beira do Rio Quixito, afluente de um afluente do Javari, que Sidney Possuelo, indianista (ou sertanista) da FUNAI (Fundação Nacional do Índio, órgão federal incumbido da proteção dos índios) descobriu na floresta densa, em 11 de abril de 1978, índios cuja identidade ainda não pôde ser verificada. Tratava-se, provavelmente, de um grupo isolado de Mayoruna, do tronco lingüístico Aruak, os quais foram debandados há 25 anos por um massacre.

Havia um contato (pacífico) com madeiros já antes desse encontro. Aquela vez, os silvícolas tinham cortado os botões da roupa dos madeiros (tirada durante o trabalho). Fizeram então a mesma coisa com

* O professor Rudolf MOSER é titular da cadeira de Direito Internacional Privado da Universidade de Saint Gallen, Suíça.

as vestes da Equipe da FUNAI, mostrando também noutra encontro muito mais interesse pelos botões do que pelos machados e facas que ganharam dela. Desconhece-se o motivo dessa mania por parte de aborígenes "vestidos" só de cinto (uluri) e pouco enfeite. Os índios estavam munidos de zarabatanas de 2,85m de comprimento e de pequenas flechas envenenadas no carcás.

Na mesma região, mais ao Sul ainda de Ataláia do Norte, quer dizer no Rio Ituí, já no ano 1977 tinham acontecido encontros com outro grupo de índios isolado, possivelmente Mayoruna também; ali, o curioso foi os silvícolas pedirem cachorros, os quais eles chamaram - onomatopéicamente - de uapá. Nenhuma ferramenta foi tão apreciada por eles como cães, pequenos ou grandes, que eles levaram embora nos braços e em cestos.

Novos descobrimentos

Ao leste do Brasil existem ainda tribos isoladas (ou parte delas), assim como no Estado do Maranhão ao Sudoeste de São Luís, os Guajá; o contato com eles foi descrito pelo citado Sidney Possuelo na "Revista de Atualidade Indígena" da FUNAI, de março/abril de 1979. O contato aconteceu em outubro de 78.

No mesmo número dessa revista, Orlando Villas Bôas revelou conhecimento até então estritamente guardado por ele e seu irmão Cláudio de tribos isoladas no Parque Indígena do Xingu, situado ao centro geográfico do Brasil. Trata-se dos Agavotaguerra, Yaruma, Takuxirrái, Miarrã e Maritsauá, sobre os quais Villas Bôas relata detalhes. Os Agavotaguerra - o que significa "gente alegre" na fala dos Kuikuro (do Rio Culuene) - são chamados assim por estes seus vizinhos porque costumam aparecer, de vez em quando, à tardinha, à beira do rio para olharem as mulheres Kuikuro tomando banho. Essas, descobrindo os "voyeurs" indígenas, e começando a gritar, fazem acorrer os seus homens com arcos e flechas, ao que os Agavotaguerra prorrompem em risadas e fogem.

Orlando Villas Bôas terminou o seu relato pelo apelo insistente aos seus colegas para deixarem isolados os

cinco grupos, por constituir contato com eles um ato desnecessário, destruidor e até criminoso. Ele tirou, parece, a consequência da tragédia dos Kreen-Akarore, dos quais, como já foi dito, morreram dois terços depois da pacificação. Apesar, e em contradição ao apelo feito, Orlando não deixou de indicar, num croqui, o habitat dos cinco grupos, o que abre o caminho para eles a uma futura expedição.

Possíveis medidas de salvamento

Vão os índios amazonenses sobreviver ao ano 2000? - Para fazer prognóstico do futuro indígena, devia-se tomar em consideração: evitar uma "integração" ou emancipação precipitada, a transformação da missão cristã no sentido de garantir, antes de tudo, a existência física deles e a conservação das culturas tribais, isto além da proteção da sua saúde (combate às epidemias, etc.), a proibição de contatos turísticos, e outras medidas mais. Sem entrar nestes assuntos aqui, pode-se dizer que a população primitiva tem certa esperança de sobreviver, e isto apesar do conflito das finalidades de ocupação ou integração da Amazônia de um lado, proteção dos índios de outro lado. A consciência da ameaça, por assim dizer, dramática, para eles, despertou-se, menos aqui na Suíça, do que nos países anglo-americanos, na França e, recentemente, no próprio Brasil. Medidas adequadas, como a instalação e demarcação de reservas, a fundação de comunidades agrícolas pelos grupos adiantados, estão ou estarão sendo tomadas.

Mesmo assim, o número das tribos que vivem isoladas vai continuar diminuindo drasticamente. Se foram diversos milhões os índios que povoaram a Amazônia ou o Brasil ao redor do ano 1500, na era do descobrimento das Américas e do Brasil, a cifra deles, i.é. dos que vivem em comunhão tribal primitiva, foi estimada em um milhão pelo ano 1900 e em 100.000 hoje. No ano 2000 serão capazes de contar 10.000 ainda - e isto sob a condição de que o desflorestamento da Amazônia não se torne catastrófico, pois os silvícolas dependem da selva.

**Artigo Traduzido da Neue Zuercher Zeitung, n.º 205 de 5-9-79*